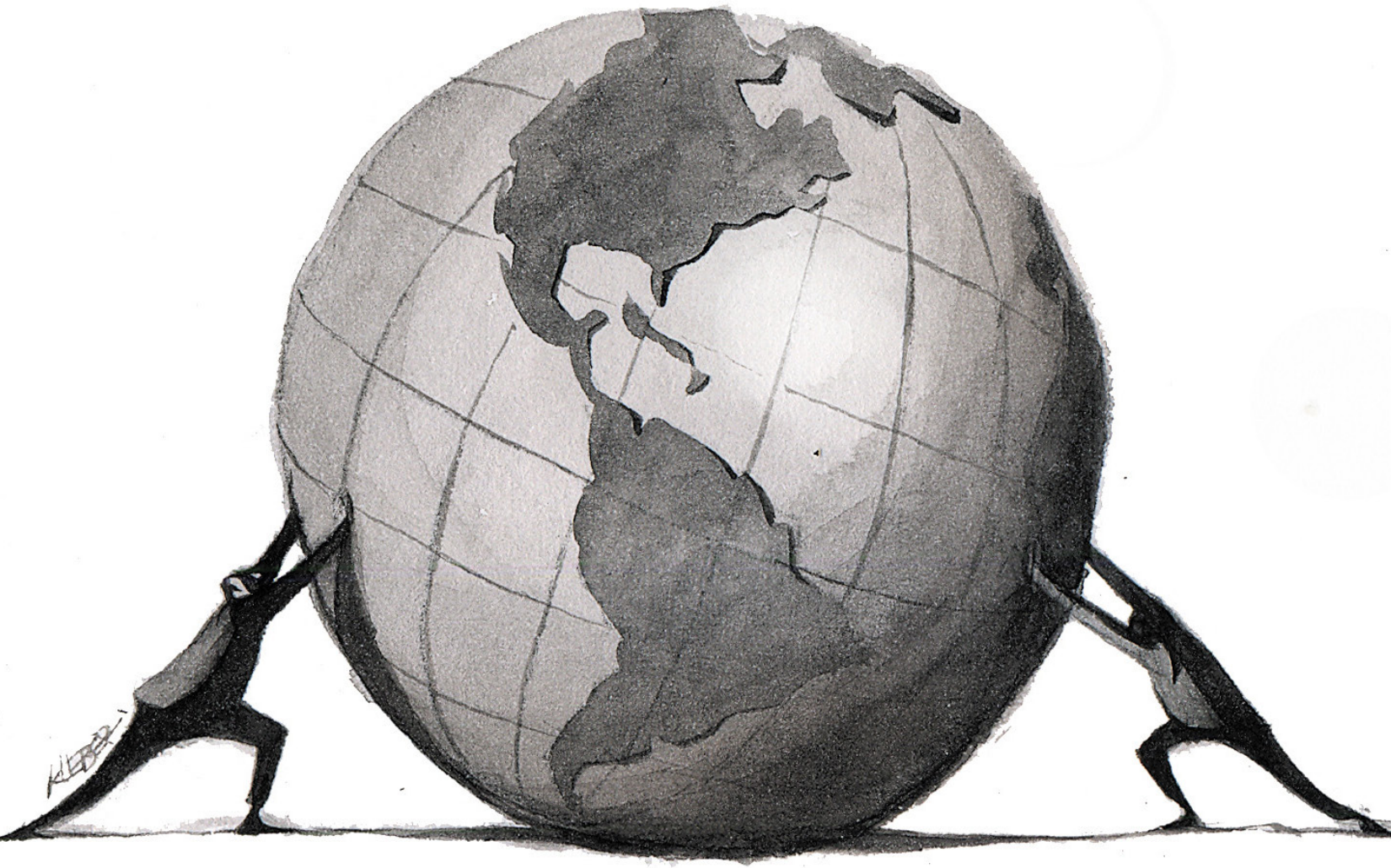


Geopolítica de um mundo em transformação



» FERNANDO JOSÉ SANT'ANA SOARES E SILVA
General de Exército da reserva, ex-chefe do Estado-Maior do Exército

No mundo de hoje, dois conflitos militares de grande gravidade se destacam: a guerra da Ucrânia e os combates em Gaza. Até agora, eles revelaram um mesmo padrão. Os vitoriosos no campo de batalha estão sendo derrotados no campo político. O objetivo inicial dos russos era derrubar o governo ucraniano e instalar um regime favorável à Rússia naquele país. Se possível, e mais adiante, anexar todo o território ucraniano à mãe Rússia, reconstruindo uma zona de amortecimento entre a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e o coração de seu território.

O diagnóstico equivocado da situação, por acreditar que a Ucrânia ruiria politicamente e que o Ocidente ficaria impassível, levou os russos a subdimensionar os meios militares empregados na invasão. Quando os avanços iniciais foram detidos, os invasores refizeram a manobra e direcionaram as suas forças para ocuparem e manterem a região do Donbass, estabelecendo uma ponte terrestre até a Crimeia.

Essa vitória no campo de batalha foi comemorada como missão cumprida, pois não se vislumbra que os russos serão desalojados dessa faixa de terra, embora os objetivos primários não tenham sido atingidos. Todavia, as consequências políticas dessa guerra não favorecem o urso branco russo. O aparato militar convencional russo perdeu credibilidade, pois havia expectativa de uma vitória fácil que se mostrou equivocada.

A liderança ucraniana revelou-se forte e conquistou respeito mundial. Após o fim do conflito, a Ucrânia possivelmente ingressará na Otan.

Some-se ao novo cenário, a adesão da Finlândia e da Suécia à aliança militar Ocidental. A balança do poder não parece estável.

Em Gaza, os israelenses concluirão com êxito sua expedição punitiva contra o Hamas, porém não o extinguirá, até porque há vários integrantes daquele grupo no exterior, além do que cada órfão ou pai que perdeu um filho é um potencial membro do grupo. O Hamas impediu a aproximação entre Israel e Arábia Saudita, anulou a liderança da autoridade palestina, demonstrou que os serviços de segurança israelenses não são infalíveis e despertou uma onda antisemita no mundo todo. Independentemente do que venha a acontecer, o Hamas conquistou seu objetivo e, portanto, já ganhou a guerra para a qual se preparou. Situação péssima para o mundo, já que ajuda a legitimar o terrorismo como instrumento de luta política.

Nesse cenário complexo, outros atores relevantes se destacam e influenciam. São eles: Estados Unidos (EUA), China, Irã e Turquia. Os EUA ganham com o conflito ucraniano e perdem em relação a Gaza. Na Ucrânia, os americanos estão desgastando o poderio material e a capacidade moral de seu contendor russo sem colocar um soldado em combate. No caso de Gaza, estão ficando isolados no cenário internacional ao apoiar os israelenses, além de trazerem o conflito para o seio de sua sociedade.

A China ganha nos dois casos. Reforça os russos, embora não os endosse explicitamente, e esse apoio ser-lhe-á útil para o caso de um conflito com Taiwan, mitigando duas vulnerabilidades do

dragão chinês: necessidade de energia e de comida. Sem se desgastar, aproveita seu poder econômico para se acercar de vários países árabes (cabe lembrar as negociações entre Irã e sauditas promovida pelos chineses).

O Irã, por sua vez, tornou-se um ator regional ainda mais importante. Apoiando grupos radicais, usou o Hamas na estocada recente a Israel, estimulando o Hezbollah a fustigar o norte desse país e no Mar Vermelho interfere no tráfego marítimo com os piratas Houthis. Fornece armas aos russos e avança em seu programa nuclear com fins militares.

Desses quatro, quem mais ganhou foi a Turquia. Sua invejável posição geográfica, sua produção bélica e sua identidade cultural transformaram-na numa potência respeitada por todos. Enquanto abastece com armas os ucranianos, mantém relações importantes com a Rússia, valendo-se do controle da entrada e saída do Mar Negro. Posiciona-se contra Israel, assumindo-se uma liderança equilibrada para o entorno muçulmano. Integrante da Otan, é bem aceita no Ocidente pelo seu grau de secularização. Coroando esses atributos, exerce influência sobre os países da Ásia Central, todos de línguas túrquicas e mesma raiz cultural.

Dessa análise, ficam duas lições. A primeira, a vitória no campo de batalha nem sempre corresponde a uma vitória no campo político. A segunda, o mundo mudou e muitos países aproveitaram as oportunidades para se destacarem geopoliticamente. Tomara que a opinião pública brasileira esteja alerta para esses fatos e dedique mais atenção à defesa nacional. Afinal, somos parte desse mesmo ambiente.

O que Madonna nos ensina sobre diplomacia pública?

» THIAGO DINIZ
Publicitário, jornalista, mestre em marketing pela The University of Huddersfield e doutorando em Comunicação pela UFPE

Ainda na ressaca do show de Madonna e seguindo nas repressões, resolvi escrever algumas linhas sobre diplomacia pública. Ainda me deparo com alguns comentários sobre a queda da influência dos Estados Unidos no mundo. O país estaria perdendo posições ora para a China, ora para o Japão ou mesmo para a Coreia do Sul, na mais recente onda K-POP. Tudo certo, novos tempos, mundo caminhando. Mas aí, vem Madonna com todos os anos 1980 de volta e coloca-me para repensar tudo que estava investigando sobre influência entre nações. De um modo geral, diplomacia pública é uma prática na qual os governos ou organizações buscam influenciar e informar o público estrangeiro sobre suas políticas, valores e interesses. Em vez de se concentrar apenas em negociações entre governos, a diplomacia pública se volta para a comunicação direta com cidadãos estrangeiros, muitas vezes utilizando mídias sociais, programas culturais, intercâmbios educacionais e outras formas de engajamento público. O objetivo é construir relações positivas e criar apoio para as metas políticas e estratégicas de um país ou organização.

Alguns países edificaram estruturas de influência bastante competentes e sólidas, especialmente durante o pós-Guerra. Estão nesse rol instituições como o Instituto Goethe, da Alemanha, o Cervantes, da Espanha, e o Conselho Britânico, do Reino Unido. Os Estados Unidos basearam parte de sua estratégia de soft power estabelecendo uma emaranhada rede de produção cultural, que vai desde o cinema passando pelas séries de TV fechada e, naturalmente, pela música.

E a diva do pop é um produto cultural dos mais poderosos. Ao menos aqui, no Brasil. Como marca, ela carrega tudo o que qualquer manual sério de marketing sugere: posicionamento, inovação e regularidade. Aliás, Madonna é remanescente de um período de extrema eferescência na produção musical e de propaganda norte-americana. Para além da música, quando nem se falava da figura do influencer, ela foi agente importante na moda e no comportamento. Para quem viveu os anos 1980, ela surge bem ali, no governo do republicano Ronald Reagan, um dos presidentes mais conservadores da história e grande defensor da corrida armamentista com a União Soviética. Também são dessa época os filmes Rocky Balboa, Rambo e tantos outros que contam histórias de heróis estadunidenses que lutam contra toda a sorte de supostos terroristas ou de algum ditador menos abastecido de armas russas. Ela atravessou décadas como um símbolo libertário, contestador, defensor da democracia, ou seja, nada mais encaixado ao sistema de diplomacia pública dos Estados Unidos. Claro que aqui, estamos falando de imagem, nem sempre da prática internacional em si.

Quando trazemos a matéria para a realidade do Brasil, somos um país tentando construir uma imagem no exterior. Naturalmente, temos grandes ativos permanentes. A questão da exuberância da natureza, a receptividade do povo e a extrema pluralidade cultural são grandes marcas reconhecidas no mundo. Mesmo assim, os impactos da pandemia e o recente sequestro de símbolos nacionais — pertencentes ao povo, e não a um ou a outro governo — mergulharam o país num cenário difuso no reconhecimento do orgulho e também dos ingredientes que dispõe para utilizar em uma estratégia própria de diplomacia pública brasileira.

O fato é que Madonna chegou aqui como o fenômeno político que sempre foi. E os Estados Unidos vieram junto com ela. Aliás, precisamos de um estrangeiro para ressignificar o nosso maior símbolo de identificação e de marca. Ao som de "music", ela busca numa batucada, ícone da imagem brasileira no exterior, reinventa toda uma gama semiótica para mostrar aos brasileiros que a bandeira é de todo mundo. Junte tudo isso a um caldo de funk, de samba, de Pablo Vittar, numa tentativa clara de mostrar que somos mais do que achamos que somos. É como se, depois da influência de Madonna, esse ícone da cultura pop americana, a imagem do Brasil para que ele mesmo voltasse a fazer sentido outra vez.

Do Sertão do Nordeste ao The New York Times

» ZENAIDE MAIA
Senadora (PSD-RN) e procuradora especial da Mulher no Senado

Do sertão do Nordeste até o conceituado jornal norte-americano *The New York Times*. Do anonimato imposto por uma sociedade machista até o pioneirismo político no Brasil e no continente sul-americano. Esta é a trajetória de uma mulher inspiradora, uma brasileira que entrou para a nossa História como a primeira mulher a ser eleita prefeita no Brasil e em toda a América Latina. Estou falando de Alzira Soriano, que, em 1928, passou a comandar o município de Lajes, no Rio Grande do Norte, estado-berço da participação feminina nos partidos políticos e nos governos.

É por isso que, como mulher eleita pelo povo potiguar para representá-lo no Congresso Nacional, e também como procuradora especial da Mulher do Senado Federal, apresentei um projeto instituindo no Brasil a Comenda Alzira Soriano. Conferida no âmbito do Senado, a homenagem nacional em referência a essa grande mulher potiguar será destinada a agraciar mulheres que se destacaram na carreira política.

Afinal, projetar-se politicamente em pequena localidade do sertão do Nordeste, articular apoios para suas candidaturas e obter o respeito da sociedade em que vivia demonstra habilidade ímpar de Alzira Soriano, que serve e servirá de exemplo para tantas outras de nosso país. Alzira fez valer seus ideais em uma época em que o papel da mulher costumava se limitar, unicamente, aos cuidados da casa e dos filhos. Exemplos como o dela, de se impor em uma sociedade machista

e, em determinados âmbitos, totalmente masculina, são fundamentais para que outras mulheres se sintam estimuladas a ocupar os lugares de poder da política.

Conforme o Projeto de Resolução do Senado (PRS 62/2023), a Comenda Alzira Soriano, acompanhada da concessão de diploma de menção honrosa, será concedida anualmente pela Mesa do Senado a até cinco agraciadas.

Dados de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que mais da metade da população brasileira (51,13%) é feminina, representando, segundo o Tribunal Superior Eleitoral, 53% do eleitorado. No entanto, a presença das mulheres nos cargos políticos ainda é limitada. As mulheres ocupam apenas 15% das cadeiras na Câmara dos Deputados e 13% no Senado. Nas assembleias estaduais, a situação é semelhante, com apenas 161 mulheres eleitas, o que também representa uma média de 15% do total de cargos.

Luiza Alzira Teixeira Soriano nasceu em 29 de abril de 1897, em Lajes, atualmente Jardim de Angicos, município do estado do Rio Grande do Norte. No Brasil da época, não se permitia o sufrágio feminino. O Rio Grande do Norte, contudo, foi pioneiro no tema ao aprovar a Lei Estadual nº 660, de 25 de outubro de 1927, que garantiu às mulheres potiguares o direito de votar e serem votadas. O texto estabelecia a vedação de qualquer distinção de gênero para o exercício da cidadania. A professora Celina Guimarães Viana, outra líder feminina pioneira também do Rio Grande do Norte,

tornou-se a primeira eleitora do Brasil e, em abril de 1928, a primeira mulher a votar.

As habilidades políticas de Alzira Soriano começaram a se destacar durante uma reunião realizada na Fazenda Primavera, em meados de 1928, quando o governador Juvenal Lamartini e a líder feminista Bertha Lutz impressionaram-se com a jovem. Lutz estava no estado discutindo com Lamartini a possibilidade de apresentar uma candidatura feminina nas eleições municipais daquele ano.

Alzira concordou em concorrer à prefeitura de Lajes como candidata do Partido Republicano. Enfrentou ofensas misóginas e machistas em sua campanha. Apesar disso, em setembro, venceu as eleições com 60% dos votos válidos, tornando-se, aos 32 anos, a primeira prefeita mulher não só do Brasil, mas também da América Latina. No dia 8 de setembro daquele ano, Alzira foi destaque em reportagem do jornal *The New York Times*, que ressaltava a eleição de uma mulher em um país que sequer havia universalizado o direito ao voto feminino.

Como prefeita, desempenhou um papel crucial na construção de estradas, mercados públicos e na melhoria da iluminação pública da cidade. Durante seu mandato, supervisionou a construção de novas estradas, incluindo a que liga Cachoeira do Sapão a Jardim de Angicos, além de construir escolas e implementar a iluminação pública a vapor. As mulheres que vieram antes de nós são farol de luz e força para nossa luta pela equidade de gênero, pela democracia e por nenhum direito a menos.